

O teu tio Pedro



PREFÁCIO

Uma dor só para ti

É um desafio pedirem-te para escrever o prefácio de um livro que é feito de recortes de intimidade. Uma escrita confidente, tão depurada pela honestidade da dor, que dás por ti a engasgar-te só na respiração de o ler.

Para retribuir com a mesma sinceridade, tenho de começar por dizer que me senti uma intrusa. Como se estivesse debaixo da mesa a ler um diário às escondidas. Há uma cola no luto, que não nos deixa desviar o olhar. Uns dizem que é morbidez, atracão pelo drama, curiosidade alheia. Até pode ser que seja tudo isso, mas eu coloco-a num lugar mais nobre, a tentativa de compreensão da dor.

O que se torna claro para mim, que sei mais de abandono do que de perda, é que a auscultação desta dor tem a pretenção humana de a tornar mais familiar e simultaneamente mais única. Quando não podes oferecer o tempo a quem partiu, sentes a necessidade honesta de lhe entregar um sentimento artesanal, cozido em forno de lenha num coração que ficou aberto, uma dor singular, a dor das histórias por viver, o lapso do presente que ficou em suspenso, o futuro que não se deixou concretizar.

A vida não é feita nem de só de pensares, nem só pesares, nem de compensações. Ensinam-nos sempre mais sobre acolhimento do que aquilo que nos falam de desprendimento. Fica difícil, saber plantar de novo, num vaso quebrado.

É nas fissuras de tudo o que já não pode ser, que tecemos a nossa forma de dor. Não admitimos qualquer vulgaridade, o que de nós se desprende, só por nós é entendido.

Fica por oferta à vontade, o desenho das nossas interações e a crença que todos os tios Pedros as habitam.

Dizes: “Dei-me sempre muito melhor com o meu irmão quando ele era vivo, do que agora que ele já não está.”

Título
O teu tio Pedro

Texto
© Patrícia Costa Mateiro

Coordenação da Edição
© Alfarroba

Paginação
Alfarroba

Impressão e Acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9068-36-0

Depósito Legal
499 095/22

1.ª edição, Maio 2022

uma edição da Alfarroba
© maio 2022, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

INTRODUÇÃO

Dá quase vontade de pedir desculpa por embrulhar tanta emoção em dor. Por nada ter como oferenda, que não seja a efabulação, por sentir que há um desmazelo num futuro onde não és participante. E depois, existimos nós e coexistes conosco os que amamos antes e depois de ti. E a memória. Essa filha da mãe, que não se apague, que é dela que depende o que ainda existe. E esta raiva, de não me poder voltar a zangar contigo outra vez.

Mas é a ti, Pedro, que a Patrícia oferece a singularidade da sua dor, partilhada agora em livro, para que nada fique por dizer, em tudo o que fica por viver.

Redobrado o cuidado de te manter quente e perto, ensinando-os acima de tudo, a habitar as nossas dores.

Isabel Saldanha

Meses depois de o meu irmão Pedro morrer de acidente de mota, comecei a escrever sobre ele para contar a sua história ao João Maria, na altura o meu único filho. Hoje, o João Maria é o mais velho de três rapazes, os meus três Marias: o João, o Pedro e o Zé. Durante algum tempo escrevi exclusivamente sobre o tio Pedro. Passados 10 anos apeteceu-me escrever um bocadinho sobre tudo e muito sobre nada e continuei a fazê--lo no blog que tinha criado em homenagem ao meu irmão, Blog O Teu Tio Pedro.

Além de querer honrar a vida e a memória do meu irmão, quis arranjar forma de o tornar presente na vida dos meus filhos. A partilha da minha dor através das palavras em parte liberta-a e percebi que surte o mesmo efeito com quem as lê. São histórias que relatam a dor da perda de um irmão e outras apenas sobre o comum dos dias.

Sei de cor que a saudade se pode molhar. E lavar. Sacudir, estender, secar, dobrar, guardar. Repetir e voltar a usar. Aprendi com a idade que o medo nos impede de continuar. Que parte do que vivemos foi desejado. E planeado. E tudo o resto foi a mudança dos planos que a vida nos desenhou. E sinto que esta é a altura de deixar parte das minhas memórias e da minha saudade num livro.

Para ti, João Maria.

Para ti, Kiki.

Para ti, Zé Maria.



Para ti. Para mim. Para a vida

Vai com tudo para todo o lado onde fores.

Vai sem abreviar.

Vai inteiro para todo o lado, mas, sobretudo, no amor.

Se não der certo, eu estou aqui para colar e juntar cada peça do teu coração. Não queiras menos do que sonhaste. Não sonhes menos do que mereces. Faz girar o mundo na tua direção. Põe fé em tudo o que fazes.

Cala com o teu silêncio os que não te souberem merecer. Não te estiques nem te encolhas para chegares ou caberes nos lugares que não são teus. Não vás para longe. Eu estou aqui.

Para a minha mãe. Este texto hoje é para ti

Para ti, que perdeste o bem maior e mais precioso que a vida te deu.

Para ti, que enfrentas diariamente o maior medo e o pior pesadelo de todas as que, tal como eu e tu, são mães.

Deixa-me começar por te dizer que tenho perfeita noção que não conheço a tua dor. E é com todo o respeito que tenho por ela e por ti que não arrisco nenhuma palavra acerca dela.

Quero apenas escrever-te, hoje, aquilo que tantas vezes penso e nunca te disse.

Quero contar-te, hoje, que dou comigo, muitas vezes, a pensar em ti.

Penso em ti quando distribuo pelos meus os beijos de boa-noite. Penso em ti nas noites em que estou mais cansada e deixo a reclamação ocupar o lugar do amor que ambas carregamos no coração.

Penso em ti quando me assusto.

Penso em ti quando, mesmo com sono, o medo não me deixa adormecer.

Penso tantas vezes em ti.

Gostava de te abraçar com a mesma força com que tu carregas o teu mundo de saudade.

Com um abraço que, mesmo só por um momento, aliviasse a tua dor.

Ou quem sabe até com um abraço que te fizesse ir lá acima, onde tantas vezes te imaginas a chegar, para logo a seguir te fazer regressar.

Gostava de te pedir, e desculpa-me tanta ousadia, que aceites com amor os teus dias por cá. Mesmo aqueles que parecem não ter mais nada para agradecer.

Quero-te contar que as tuas pessoas estão sempre dispostas a ouvir-te.

Mesmo as que nunca te fizeram nenhuma pergunta.

Peço-te que não tenhas nunca receio que as tuas doces memórias possam incomodar alguém. E não te inibas de sorrir quando decides partilhá-las.

Nem de chorar.

Gostava também que as tuas pessoas partilhassem mais contigo as suas alegrias.

Não sei o que as impede de o fazer quando eu sei que tu continuas a sentir-te feliz pelos outros.

Sei que em dias de festa, nesta série de dias em que se transformou a tua vida, te falta sempre o ator principal.

Quero-te dizer que já chorei por ti. E que vou continuar a chorar.

Este texto hoje é para ti.

Quis apenas escrever-te, hoje, aquilo que tantas vezes pensei e nunca te disse.

Entrega de diplomas nos Bombeiros Municipais de Santarém, 28 dezembro 2005

Num dos nossos almoços habituais de segunda a sexta, dos quais tenho tantas saudades, o meu irmão comentou comigo que ia tirar um curso de bombeiro. Quando o interroguei porquê, respondeu com um ar maroto característico de um jovem de 22 anos: “Parece que pagam 200 euros.” Julgo que só após a primeira ação de formação se apercebeu que ia realmente integrar o Corpo dos Bombeiros Municipais de Santarém, num voluntariado com uma escala de serviço que o obrigaria a dormir menos horas que o habitual e a deixar-lhe menos tempo livre para a praia, a família, os amigos e a Teresa.

À medida que o curso foi avançando, o interesse do Pedro foi aumentando. O facto de ter quase sempre as melhores notas, surpreendia-o muito. “Nunca fui o melhor aluno a nada... ou eu de repente tornei-me mais esperto ou tenho realmente jeito para isto”, dizia ele com um sorriso só dele. Dos serviços de ambulância impressionavam-no muito os casos dos idosos que viviam sozinhos e os acidentes rodoviários. De todos, o que mais o impressionou, foi o do bebé que faleceu com dois meses nos braços da mãe, a mesma idade que o sobrinho tinha nessa altura.

Quando eu ouvia tocar a sirene dos bombeiros, por vezes ligava-lhe a dizer: “Vá, mano, não és bombeiro? Larga tudo o que estás a fazer e corre para o fogo!” ou quando ele estava de serviço e dizia que tinha saído na ambulância eu perguntava: “Desceste pelo corrimão como nos filmes?” Outras vezes eu ligava-lhe, aliás, eu passava a vida a ligar-lhe, a perguntar onde é que ele estava e ele respondia: “Estou no hospital, mas não te preocupes! É um serviço dos bombeiros.”

Podia estar um dia inteiro a trabalhar e ao final do dia em nada sentir-se realizado; enquanto que lhe bastava um serviço nos bombeiros, aliviando a dor de alguém, para dar sentido a esse dia. Ser bombeiro despertou-lhe sensibilidades que eu e até ele mesmo desconhecíamos.

Depois de ter assistido a uma morte por afogamento na praia do Baleal, adquiriu um kit de reanimação que trazia sempre consigo. Estava sempre pronto a ajudar o próximo! Fazia parte do seu projeto de vida abraçar esta atividade a tempo inteiro e tornar-se bombeiro profissional. Ultimamente o entusiasmo era tal que muitas vezes chegou a dizer: “Qualquer dia ainda tiro o lugar ao comandante.”

Que bom sabermos que “aquilo que está para vir é sempre melhor do que aquilo que já foi”. Este era o lema de vida do meu irmão, o qual hoje vos peço que acreditem. Acreditem, como eu, que o Pedro nos protege e nos guia no dia-a-dia. Recordemos juntos a sua alegria.